Cadernos Macambira
V. 6, N° 1, 2021. Página ***148*** *de* ***369. ISSN 2525-6580***
Anais **IV Seminário Diversidade e Respeito às Diferenças – IV SEDIRD e I Encontro do Grupo de Pesquisa em Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar**. 06 a 08 de outubro de 2020. Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes.
http://revista.lapprudes.net/

Eixo 6: Educação Formal e Informal de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROCESSO DE INSERÇÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Beatriz de Lira Gomes* - Universidade Paulista, UNIP

Ana Paula de Siqueira Souza - Universidade Federal Rural de Pernambucano, UFRPE

*Autora correspondente: beatriz-liras@hotmail.com

RESUMO: Desde a revogação do código CID-11, criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para classificação de doenças mentais, o Transtorno do Espectro Autista ganhou uma nova classificação, onde uniu-se todos as características do espectro como uma única doença. Sendo assim, o autismo ganhou destaque e passou a contar com leis e diretrizes que visam os direitos e a proteção da pessoa que possua o transtorno, dentre todos os direitos, vale frisar no direito à educação, garantida pela Lei n° 12.764, sancionada em 2012, que visa garantir o acesso à escola e ao ensino profissionalizante. Contudo, o trabalho em pauta aborda o processo de inserção de uma criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, nível moderado, no ambiente escolar e tem como objetivo geral identificar dificuldades e avanços no desenvolvimento do estudante. A metodologia utilizada para elaboração do trabalho foi de cunho qualitativo e explicativo, com intuito de analisar e destacar acontecimentos vivenciados durante o primeiro contato da criança com a escola. A pesquisa de campo ocorreu em um Espaço Educacional, localizado na cidade de Garanhuns, agreste pernambucano, onde preocupamo-nos em observar o comportamento de uma criança especifica, a criação de atividades com materiais lúdicos (tampa de garrafa, tintas, emborrachado) e o processo de inserção e permanência no ambiente escolar. Os dados coletados foram registrados em cadernos, fotos, vídeos e diário de classe, onde foram registradas as experiencias da criança e da professora durante o ano de 2018. No estudo procuramos destacar os desafios da inserção escolar da criança com deficiência, seu comportamento mediante a mudança de rotina, e suas reações diante das atividades propostas, além disso, veremos que ao final do ano letivo a criança apresentou comportamento favorável aos estímulos, demonstrando tanto algumas mudanças em seu comportamento como também avanços em seu desenvolvimento físico e motor.

Palavras-chave: Autismo. Desenvolvimento. Atividades. Escola.

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição social responsável por proporcionar, além de conhecimento, a interação social e a inclusão de todos os sujeitos. Sendo assim, a inserção no âmbito escolar é de fundamental importância para os indivíduos, uma vez que, eles saíram do convívio somente com a família e passaram a ter contato com diferentes ambientes e pessoas.

> A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mais pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sobe a autoridade de uma mesma regra. (CANIVEZ, 1991, p.33)

A educação é um direito que está garantido na Constituição Federal Brasileira, na LDB (93.9496). O estatuto da criança e adolescente (1990), com intuito de garantir este direito, criou o artigo 53, onde consta que: "a criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho". Porém, para conseguir a garantia desse direito, é necessário que a escola tenha suporte para receber os alunos e que esteja capacitada para atender a todos, principalmente o público da Educação Especial. Para tal atendimento, faz-se necessário planejar e criar estratégias pedagógicas que facilitem a inserção da criança no ambiente escolar e que proporcione o desenvolvimento garantido por lei.

No que se refere a educação inclusiva, vale destacar o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Historicamente o autismo foi considerado como doença sem definição concreta, ao longo da história cientistas buscaram respostas para o espectro e suas características, que por muito tempo esteve incluído na CID-10 (Classification of Deseases and Related Health Problems), na categoria de Transtornos globais do desenvolvimento – TGD. Somente em 2013 a OMS criou a CID-11, onde o Transtorno do espectro autista passou na constar como doença especifica e ganhou classificação própria.

> Autismo na CID-11
>
> 6A02 – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)
>
> - 6A02.0 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
> - 6A02.1 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;

- 6A02.2 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- 6A02.3 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- 6A02.4 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- 6A02.5 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- 6A02.Y – Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado. (TISMOO, 2018)

TEA ou Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno que atinge o neurodesenvolvimento, acarretando em dificuldades na comunicação, problemas em interação social e de comportamento (NASCIMENTO & CRUZ, 2015). Estimasse que no Brasil há cerca de 2 milhões de pessoas com autismo, sendo a maioria dos casos mais predominante em meninos do que em meninas.

De acordo com Gandin & Scariano (1999):

> O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se "ausenta" do ambiente que a cerca e parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior. (GRANDIN & SCARIANO, 1999, p.18 apud ÉTP)

Apesar de não apresentar traços físicos que evidenciem o seu problema, a criança do espectro possui atitudes e particularidades que torna possível o diagnóstico.

> Resistia aos "importantes hábitos sociais da vida cotidiana". Não brincava com as outras crianças, passando grande parte do tempo lendo em um canto, indiferente. Quando provocado, não demonstrava "qualquer senso de humor". Tinha um "olhar perdido" e poucas expressões faciais e gestos. (SHEFFER, pág. 03, 2018)

Como descrito por Edith Sheffer, o autismo deixa transparecer características comportamentais que possibilitam o diagnóstico. Uma análise feita com cautela e precisão poderá levar ao diagnóstico precoce, que de acordo com a Lei n° 12.764, Art.3, é um direito da criança com autismo.

A legislação brasileira busca garantir os direitos a inclusão das pessoas com deficiência na escola. Entre esses direitos estão:

> Art.3° são direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

I – a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II – a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III – o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde.

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;

d) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV – o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

b) à moradia, inclusive à residência protegida;

c) ao mercado de trabalho;

d) à previdência social e à assistência social.

(BRASIL, 2012)

Sendo assim, com a criação de documentos legais que garantem a presença e permanência de alunos com deficiência, incluindo crianças com autismo, em escolas regulares faz-se necessário que a escola esteja preparada para recebe-los.

Citados por Oliveira (2011), Ferreira & Guimarães afirmam que "a política de inclusão, diferentemente da política de integração, coloca o ônus da adaptação na escola e no aluno, o que implica um total remanejamento e reestruturação da dinâmica da escola para atender a todos, sem distinção.

Estudos feitos recentemente, buscam relatar possíveis formas de tornar o desenvolvimento das crianças com TEA algo possível. Entre os estudos, muito se discute sobre as escolas e como elas podem ajudar nesse processo.

Para Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) "destaca-se a escola como um dos espaços que favorecem o desenvolvimento infantil, tanto pela oportunidade de convivência com outras crianças quanto pelo importante papel do professor". Além disso, "o contexto escolar oportuniza contatos sociais favorecendo o desenvolvimento da criança com autismo, assim como o das demais crianças, na medida em que convivem e aprendem com as diferenças". (HOMER CAMARGO, BOSA, 2012)

Diante do exposto, este trabalho propõe relatar sobre o processo de inserção de uma criança com TEA em escola de classe comum e apresentar situações cotidianas de interação social e do processo de ensino-aprendizagem. Ao longo do artigo, destacaremos a relevância de caracterizar os ambientes de aprendizagem e salientaremos os resultados obtidos.

Para realização do trabalho em pauta fizemos uso de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e explicativo, que visa aprofundar o conhecimento da realidade e entender um

fenômeno social. A coleta de dados foi realizada em um espaço educacional, localizada na cidade de Garanhuns – PE, votada para crianças de 0 a 4 anos, onde foi observado de forma assistemática uma criança especifica, de 3 anos de idade (do sexo masculino), diagnosticada com TEA, nível 2. o nome da instituição e da criança serão mantidos em sigilo, para preservar a identidade de ambos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Durante o ano de 2018, recebemos na instituição X, um aluno com o laudo de Transtorno do Espectro Autista, nível moderado. Seria a primeira experiência da criança com o ambiente escolar e para tornar o processo de inserção menos complexo, fez-se necessário ter uma pequena reunião entre os pais da criança e os gestores da escola. Essa colaboração entre pais e escola podem proporcionar efeitos positivos no rendimento escolar, ademais, de acordo com Becker (citado por Cavalcante, 1998), pais que estão envolvidos na escolaridade dos filhos desenvolvem uma atitude mais positiva com relação à escola e com relação a si mesmos, tornando-se mais ativos na sua comunidade e melhorando seu relacionamento com os filhos.

Buscando conhecer a criança e se preparar para recebe-lo, a professora questionou a mãe em relação ao comportamento da criança: *"Ele não fala, tem costume de ficar segurando as mãos e fazendo movimentos repetidos. Ele também não tem controle sobre o corpo, ta sempre batendo nas coisas ou caindo, seria bom se não deixasse muita coisa pelo chão, por que ele não consegue desviar, mas ele é tranquilo." (SIC)*

Como descrito, a criança não tinha o desenvolvimento pleno de suas habilidades intelectuais e motoras. Ao chegar à escola pudemos observar que, além da ausência da fala, o menino não andava direito, pois não tinha segurança suficiente para andar sem que alguém o segurasse pela mão, além disso, ele não conseguia comer sozinho, tomar água segurando o próprio copo, subir ou descer degraus. Pudemos observar também que parte do comportamento da criança e de sua falta de habilidade motora era devido ao excesso de cuidado dos pais, a mãe chegou a relatar que a psicóloga da criança havia reclamado do fato dos pais não deixarem o menino andar ou comer sozinho, os pais alegavam que tinham medo dele machucar-se.

Esses comportamentos citados anteriormente, são características importantes do espectro autista:

> Os sintomas [...] incluem:
>
> 1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, socias e linguísticas;
>
> 2. Reações anormais ás sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo;
>
> 3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala,

> restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado.
>
> 4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida. (GAUDERER, 1993, pág. 3, 4, apud PRATA)

Seguindo a perspectiva de Cunha (2011), "o professor precisa descobrir quais habilidades - sociais e acadêmicas – o aluno já possui e quais ele precisa adquirir. A partir daí escolher os matérias adequados. Sempre priorizando a comunicação e a socialização". Contudo, depois de estabelecer a comunicação e a parceria entre pais e gestores, tornou-se possível a criação de um plano de aula que torna-se viável a participação da criança nas atividades. A partir disso, foi criado um diário específico para fazer anotações cotidianas sobre as atividades propostas ao menino e ter uma melhor noção do que estava dando certo e do que não obtivemos bons resultados. Além disso, a sala de aula foi adaptada com menos pôsteres, para não desconcentrar a criança e criamos um quadro de rotina com imagens e desenhos para facilitar seu entendimento sobre o momento de cada coisa.

As primeiras experiências no ambiente escolar foram muito difíceis tanto para a criança quanto para a professora. De acordo com Bowly (1973, apud RAPOPORT e PICCININI) a adaptação ao novo ambiente, as novas pessoas, a mudança de rotina e a tudo que engloba a escola causam medo, além disso, a separação entre a criança e a mãe ou familiares, torna o processo ainda mais complexo, comprometendo de maneira significativa seu emocional. Sendo assim, nos primeiros dias a criança demonstrou estar incomodada, andava de um lado para o outro, segundando as mãos e fazendo movimentos repetidos.

Essa inquietação é considerada um sinal frequente e estereotipado do espectro.

> O comportamento motor repetitivo, aparentemente impulsivo e sem motivo ou propósito ocorrendo de forma primária, ou seja, isolada, caracteriza o Transtorno do Movimento Estereotipado, que pode ter início antes dos três anos de idade e persistir até a adolescência ou vida adulta. Agitação motora associada a movimentos involuntários são comumente observados em crianças com TEA. (SERRA, 2020, pág. 15)

Durante a primeira semana a professora buscou saber sobre os interesses e gostos do menino, para aborda-lo a partir deles *"ele gosta de tecnologia, tablets, celular, tv. Quando ele ta com alguma dessas coisas ele fica bem quieto e consegue parar um pouco. As cores também chamam muita atenção, essas bolinhas aqui ele vai gostar (se referindo a piscina com bolas coloridas). Ele não gosta muito de brinquedo, nem sabe brincar, mas essas coisinhas que imita os animais ele gosta e pode ajudar a fazê-lo falar." (SIC)*

Em relação as crises, a mãe indagou *"Quando ele é contrariado fica muito bravo e estressado. As vezes parece que ele quer pedir alguma coisa, mas como não fala fica frustrado e com raiva aí começa a crise, chora, quer morder, bater, puxar. Além disso quando tem informação demais ele também fica agitado, muito barulho, muita conversa ou música alta o deixa agoniado aí tem crise. Às vezes, eu fico insistindo pra ele fazer as coisas, como pintar,*

rabiscar, mas ele não gosta, quando insisto demais ele vem me bater, eu tento não ficar brava, sei q ele não faz por mal." (SIC)

A professora optou por deixa-lo livre, para explorar o ambiente até que pudesse se sentir mais a vontade. Além disso, a professora buscou primeiramente, conquistar a confiança do menino e utilizar a afetividade a seu favor.

Como de costume, a rotina incluía a hora da história e dentre toda rotina esse parecia ser o melhor momento para a criança. Durante as rodas de história o aluno conseguia manter-se sentado por um bom tempo, demonstrava interesse nos livros, chegando a sentar próximo a professora e olhar diretamente para a professora e para os livros. De acordo com uma pesquisa divulgada no site Portal Ped (2017), uma das principais características notadas em crianças com autismo é "Anormalidade no contato visual: as crianças demonstram pouquíssimo interesse em olhar para rostos, mas preferem observar objetos. Quando olham para pessoas, focam na boca e no corpo, evitando os olhos (quando o comum é o contrário)", contudo, obter uma visualização direta com a criança que possui o espectro autista é algo que só ocorre quando se conquista a confiança.

As atividades diárias foram bem pensadas e estruturadas visando a inclusão, ademais foram desenvolvidas de forma lúdica e buscando utilizar os sentidos, como visão, audição e tato. Tais atividades, foram desenvolvidas de forma transdisciplinar, podendo ser aplicadas integrando-se aos eixos temáticos da rotina e priorizando promover o desenvolvimento das habilidades. Os matérias utilizados foram de fácil manipulação, utilizando, por exemplo, EVA, papelão, tampinhas de garrafa, dentre outros.

Para Mesibov, Schopler & Hearsey (1994, pág. 202), citado por Prata, "o uso de atividades visuais e concretas pode contribuir para que as crianças autistas tenham um desempenho melhor na aprendizagem, pois o que é visual é concreto e, portanto, fácil para as crianças aprenderem e entenderem"

A seguir exibiremos exemplos de algumas dessas atividades:

1. Encaixe de formas geométricas

Será trabalhado a relação de semelhança e correspondência, onde o objetivo é estimular a atenção e a coordenação motora.

2. Relacionar cores com tampas de garrafas

Nessa atividade a intenção é trabalhar as cores, podendo também trabalhar conceitos de dentro e fora.

3. Circuito de obstáculos

Durante a atividade é possível estimular a audição, o equilíbrio e a coordenação motora.

4. Corresponder o som de animais

Levando em consideração o interesse da criança pela tecnologia, foi permitido a utilização de software, com atividades pedagógicas.

O intuito dessa atividade é identificar os sons e estimular a fala. Porém, apesar de ter sido bem aceito é realizada, ao fim dessa atividade a criança, geralmente, resistia a devolver o tablet e quase sempre chorava.

Vale ressaltar que, para a realização das atividades foi necessário insistência diária, até que o aluno se sentisse à vontade para realizadas. Além disso, as atividades foram repetidas diversas vezes ao longo do ano, para que o menino com TEA compreendesse e se sentisse estimulado a realiza-las, cada atividade foi realizada respeitando a especificidade da criança e o tempo que ela conseguia manter-se concentrado. Ao longo do ano letivo também foram propostas atividades além da grade curricular, fazeres como estimular a comer sozinho, ensinar a tomar água, subir e descer escadas durante os intervalos das aulas, também fizeram parte das atividades diárias realizadas pela professora. Os avanços eram tão nítidos que a psicóloga da criança solicitou que a mãe buscasse saber de que forma a educadora trabalhava com a criança para poder reproduzir em casa e continuar a estimula-lo.

Apesar de ter apresentado melhoras significativas em sua adaptação e desenvolvimento, durante o mês de outubro o estudante mostrou um comportamento diferente e agressivo. Naquele respectivo mês havia acontecido uma paralização na cidade, onde foi necessário interromper as aulas durante uma semana e consequentemente fazendo com que a criança mudasse a rotina, a qual já estava adaptado. Esse acontecimento gerou muito transtorno na volta do menino à escola, na semana seguinte a paralização o aluno chegou ao espaço educacional agitado e agressivo. A criança não conseguia seguir a rotina, insistia em ficar somente diante de telas (tablet ou celular) e quando contrariado chorava muito e tentava agredir a professora, chegando a morder e arranha-la enquanto a mesma tentava intervir em seu comportamento. Ao notificar aos pais a professora ouviu que o menino também estava agitado em casa e então os pais optaram por deixa-lo com o tablet durante toda a semana que ele estava sem aula, o que provavelmente causou o comportamento agressivo. Contudo, durante esse período de agitação a educadora optou por repetir as atividades que a criança já conhecia e quando o estudante estava muito agitado a professora levava-o para o pátio, dando-lhe a oportunidade de respirar ar puro enquanto tentava acalma-lo, além disso, a rotina teve que ser reestabelecida, bem como nos primeiros dias de aula.

Não obstante, argumenta-se favoravelmente que, ao fim do ano letivo a criança obteve ganhos em seu desenvolvimento, como a própria mãe relatou. Entre os benefícios trazidos pela inserção escolar, a mãe destacou que, o menino obteve melhoras significativa, estava mais atento, aparentava possuir melhor autonomia sobre o próprio corpo e aceitação em estar em contato com outras pessoas – apesar de ainda ser de maneira limitada. O menino mostrou-se um pouco mais concentrado e adaptado à rotina escolar. Essas mudanças foram perceptíveis tanto para a família quanto para a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, os relatos apresentados anteriormente revelam que, as respostas que serão dadas pelo aluno com autismo irão depender bastante da estrutura do ambiente escolar e a forma como instituição busca trabalhar a questão da educação inclusiva e as relações de convívio social.

Para mais, a elaboração de um plano de aula visando a inclusão de todos, o desenvolvimento de atividades pedagógica estruturadas, alinhado o conhecimento pedagógico com a sensibilidade humana, e dispor-se a dar atenção individual ao aluno entendendo que, o mesmo aprende de diferentes formas, são meios que podem servir de estímulo para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança.

Não obstante, para que de fato a inclusão aconteça faz-se necessário que além das mudanças na escola, os professores também estejam dispostos a romper com o tradicionalismo e que permitam-se inovar suas práticas pedagógicas.

Vale destacar que, no processo de inclusão pode haver aspectos favoráveis e desfavoráveis, mas de acordo com Cunha (pág. 12) "haverá conquistas e erros, muitas vezes mais erros do que conquistas, mas o trabalho jamais será em vão".

Dessa forma, o enfoque do presente estudo é apresentar aspectos que podem servir de facilitadores no processo de inserção e permanência de crianças com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar. Espera-se que, as atividades aqui propostas, possam servir de inspiração para educadores que tenham a oportunidade de trabalhar com algum aluno com necessidades educacionais específicas.

REFERÊNCIAS

Autismo, genes e o jeito de uma criança olhar para você. PortalPed, 20 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.portalped.com.br/outras-especialidades/genetica/autismo-genes-e-o-jeito-de-uma-crianca-olhar-para-voce>. Acesso em: 03 de maio de 2020.

Bhering, E. & De Nez, T. B. (2002). Envolvimento de pais em creche: Possibilidades e dificuldades de parceria. Psicologia: **Teoria e Pesquisa**, 18, 63-73.

BRASIL. (2012). **Regulamenta a Lei n° 12.764**, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Decreto n° 8.368. Brasília. Disponível em: <ttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

CANAVIZ, Patrice, Educar o cidadão? - Campinas: Papirus, 1991.

Cavalcante, RC.(1998). **Colaboração entre pais e escola**: educação abrangente. Psicológica escolar e educacional, 2 (2) 153-159. SP: ABRAPEE.

CUNHA, Eugênio, **Autismo é inclusão**: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro:WAK,2011.

ÉTP de Oliveira Praça. Uma reflexão acerca da inclusão de um aluno Autista no ensino regular. 2011. Programa de **Mestrado Profissional em Educação Matemática**, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJP).

LEMOS, E.L.M.D.; SALOMÃO, N.M.R.; AGRIPINO-RAMOS, C.S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.20, n.1, p.117-130, 2014.

Nascimento, F.F., Cruz, M.M. & Braun, P. (2017). Escolarização de pessoas com transtorno do espectro do autismo a partir da análise da produção científica disponível na Scielo – Brasil (2005-2015). **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 24(125). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.24.2515>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

Nova classificação de doenças, CID-11, unifica Transtorno do Espectro Autista: 6A02. Copyright – **Tismoo.** Disponivel em: https://tismoo.us/saude/diagnostico/nova-classificacao-de-doencas-cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-autismo-6a02/. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

SERRA, TATIANA. Autismo [**recurso eletrônico**]: um olhar 360° / Coordenação Tatiana Serra – São Paulo, SP. Literare books international, 2020.

SHEFFER, EDITH, **AS CRIANÇAS DE ASPERGER**(recurso eletrônico): as origens do autismo na Viena nazista/ Edith Sheffer; tradução Alessandra Borrunquer. – 1. Ed – Rio de Janeiro: Record 2019.

SILVA, Ana Mayra Samuel. Gestão Escolar**:** a consolidação de uma Escola Inclusiva mediante a Intersetorialidade. 2018, 201f. **Dissertação**. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente/SP. 2018.

SILVA, L.G.M & FERREIRA, J.T.(2014). **O papel da escola e suas demandas sociais**. Periódico Científico Projeção e Docência, 5 (2), 6-23.